

A TEOLOGIA DO TRABALHO: UMA PERSPECTIVA DO TRABALHO E DO DESCANSO

THE THEOLOGY OF WORK:
A PERSPECTIVE OF WORK AND REST

Alisson Jonathan Henn¹

Joel Biermann²

Resumo: O tópico de estudo do presente ensaio é sobre trabalho e descanso. O objetivo principal desta pesquisa é elucidar o significado de trabalho secular e trabalho sagrado, assim como a importância do descanso deste trabalho. As perguntas que pretendem ser respondidas são: o que é trabalho na perspectiva bíblica e qual o descanso que temos, neste trabalho, conforme a Bíblia. A metodologia de pesquisa do presente artigo é do tipo qualitativa, e quanto aos seus objetivos, é de natureza exploratória. O procedimento técnico de investigação utilizado foi a pesquisa bibliográfica. Os resultados da pesquisa apontam que trabalho faz parte da vida humana, pois foi algo que aconteceu antes da queda em pecado, e o descanso nós precisamos porque somos seres humanos; assim, através deste descanso, mostramos a nossa confiança em Deus, pois é ele que sustém todas as coisas.

Palavras-chave: Deus. Trabalho. Descanso. Cuidado.

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2014). Pós-graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA (2016). Mestrando no Seminário Concórdia. Pastor em Caxias do Sul, RS. Este ensaio é resultado da disciplina Trabalho, ócio e dia do descanso: uma reflexão sobre o propósito da existência humana, ministrada nos dias 10 a 14 de julho de 2023, pelo Dr. Joel Biermann.

2 Professor na área da Sistemática no Concordia Seminary, St. Louis, EUA.

Abstract: The topic of study in this essay is work and rest. The main objective of this research is to elucidate the meaning of secular work and sacred work, as well as the importance of rest from this work. The questions to be answered are: what is work from a biblical perspective and what rest do we have in this work according to the Bible. This essay's research methodology is qualitative and its objectives are exploratory. The technical research procedure used was bibliographical research. The results of the research show that work is part of human life, because it was something that happened before the fall into sin and we need rest because we are human beings, so through this rest we show our trust in God, because it is he who sustains all things.

Keywords: God. Work. Rest. Careful.

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, encontramos muitas pessoas que buscam realização pessoal no trabalho, almejando sempre conquistar mais riquezas e, através disso, serem bem vistas na sociedade. Trabalham tanto que isso se torna algo obsessivo, causando doenças e, principalmente, fazendo-as se esquecerem do mandamento de Deus sobre o descanso. Além disso, pessoas fazem distinção entre trabalho secular e trabalho sagrado, afirmando que o trabalho para Deus é apenas no final de semana.

A teologia do trabalho vem nos ajudar em nossa reflexão sobre este tema em nossa sociedade. O trabalho é algo essencial para o ser humano, algo que aconteceu antes da queda em pecado, algo que era bom, porém, depois da queda, tornou-se pesado. Todo o trabalho, através de nossas vocações, é um trabalho sagrado. Mas, também, vemos que o descanso é algo essencial para o ser humano, pois Deus nos mostrou isso através da criação do mundo.

A CULTURA DO TRABALHO

Vivemos em uma cultura que nutre obsessivamente expectativas pouco realistas: trabalhe para ser feliz; ganhe dinheiro para usufruir na aposentadoria; enquanto os outros dormem, você trabalha. Não é raro

encontrarmos este mundo sem limites para o trabalho em nossas casas e, principalmente, em nossas congregações. Pessoas entram em crise por procurarem no trabalho a sua realização.

Um artigo publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) afirma que, a cada ano, 750 mil pessoas morrem de doenças cardíacas isquêmicas e derrame devido às longas jornadas de trabalho (RO, 2021), procurando a realização pessoal e a felicidade. Essa constância gera insatisfação com o trabalho, fazendo a pessoa “pular” de emprego em emprego, torcendo para que a felicidade a esteja aguardando na próxima profissão (CHO, 2022, p.14).

Além dessa procura pela felicidade através do trabalho, ainda hoje encontramos uma outra cultura, ou valor, denominado de “sucesso”. A sociedade olha para o que você possui, o carro que está em sua garagem, a casa na praia, os “seguidores” que tem na sua rede social, tudo isso usado como pretexto para uma busca desenfreada por um protagonismo individual (CHO, 2022, p.15).

Encontramos essas duas culturas, ou dois tipos de pessoas: aquelas que trabalham excessivamente apenas para inflar seu ego, sendo narcisistas, esquecendo de sua saúde, apenas pelo status; e, de outro lado, encontramos pessoas que trabalham tanto de segunda a sexta-feira para chegar ao mesmo status de outrem, mas se sentindo infelizes por não estarem no mesmo patamar que os demais, adquirindo doenças e o complexo de trabalhar enquanto outros dormem.

Em ambos os casos, a premissa é a mesma: trabalhar só faz sentido quando traz um retorno que os outros possam invejar (CHO, 2022, p.15).

NO PRINCÍPIO, HOUVE TRABALHO

Essas visões sobre a cultura do trabalho geram no cristão uma distinção entre o trabalho secular do trabalho sagrado. Antes da Reforma Luterana, Lutero tinha como pensamento que o trabalho secular o afastava de Deus e o trabalho na igreja o aproximava de Deus:

Lutero cresceu com a crença de que a ira de Deus poderia ser melhor aplacada por meio de obras sagradas. Entre os exemplos

de seu mundo estão a escolha da vocação de sacerdote, monge ou freira, a peregrinação, a veneração das relíquias dos santos, o jejum ou a oração do rosário. Quando jovem, ele acreditava que a vida monástica o aproximaria mais de Deus do que o modo de vida de seu avô como camponês, o de seu pai como processador de metais ou o seu próprio modo de vida projetado como advogado (KOLB, 1982, p.4).

Ainda hoje é perceptível essa visão entre cristãos, ou seja, trabalho é entendido em termos de “profissão remunerada”, como se trabalho fosse um mal necessário para pagar boletos no fim do mês, e quando falamos de “obras para Deus” ou fé, as ligamos apenas ao culto (CHO, 2023, p.20). Porém, o que a teologia do trabalho quer nos trazer de volta às nossas mentes é a “redescoberta do conceito que todo trabalho humano não é simplesmente uma tarefa, mas um chamado” (KELLER, 2014, p.20).

O termo latino *vocare* – chamar – é a raiz de nossa palavra “vocação”. Hoje a palavra remete apenas a trabalho, mas este não era o sentido original. O trabalho só é uma vocação se alguém chamar você para fazê-lo e se ele for feito para quem o chamou, e não para você mesmo. Da mesma forma, nosso trabalho só é um chamado se for repensado como uma missão ou um serviço em favor de algo acima dos nossos interesses pessoais (KELLER, 2014, p.20).

Quando trabalhamos, somos, como a tradição luterana afirma, “os dedos de Deus”, os agentes de seu amor providencial aos outros. Essa compreensão eleva o propósito do trabalho de apenas como um ganha-pão para amor ao próximo, e, ao mesmo tempo, nos liberta do fardo de trabalhar especialmente para provar nosso valor (KELLER, 2014, p.23).

Ao analisarmos a Escritura Sagrada, vamos encontrar muitos textos relacionados ao trabalho. Porém, a Bíblia começa falando que houve um trabalho e que tudo foi criado (Gn 1.1). Enquanto Deus não falou, não existia absolutamente nada, só Deus pode criar do nada (KINDER, 1999, p.41). Isso sugere que trabalhar faz parte de Deus, de quem ele é. O mundo foi resultado desse trabalho. Ou seja, o trabalho é algo essencialmente bom, pois vem de Deus (CHO, 2022, p.23). O trabalho não é um mal necessário que foi criado para o ser humano, mas, no princípio, o trabalho foi algo que Deus realizou por puro prazer e alegria (KELLER, 2014, p.37).

Entender que Deus começou o trabalho e que este trabalho foi bom (Gn 1.31; 2.1) ajuda a entender um grande aspecto da identidade humana: fomos criados para o trabalho, ou seja, trabalhar faz parte do nosso sistema operacional. Fomos criados para participar daquilo que o próprio Criador iniciou ao dar origem à criação (CHO, 2022, p.23). Talvez seja por isso que, quando as pessoas deixam seus trabalhos ou se aposentam, parece que perdem o sentido da vida, pois lhes falta algo essencial do humano.

O trabalho não é inserido na história da humanidade depois da Queda de Adão, como parte da ruína e maldição; é parte da bênção do jardim de Deus. O trabalho é uma necessidade humana básica tanto quanto alimento, a beleza, o descanso, a amizade, a oração e a sexualidade; não é simplesmente uma boa solução remediar uma situação, mas alimento para a nossa alma. Sem um trabalho significativo, sentimos um grande vazio e perda interior. Pessoas que ficam desempregadas por problemas de saúde ou por quaisquer outros motivos percebem logo como precisam trabalhar para se desenvolver emocionalmente, física e espiritualmente (KELLER, 2014, p.38-39).

Claro que o nosso trabalho inclui aquilo que fazemos para obter o nosso sustento e algum retorno econômico, mas não se limita somente a isso. Se olharmos para o relato de Gênesis, percebemos que tudo diz respeito à manutenção da ordem e da plenitude de vida no universo, iniciada pelo próprio Criador (CHO, 2022, p.25).

Conforme Derek Kinder, Deus dá ao ser humano algo único na criação, apenas o ser humano recebe uma função, uma descrição de tarefas, “um ofício” (1.26b; 28b; 2.19, cf. Sl 8.4-8; Tg 3.7). Em outras palavras, os seres humanos são chamados e recebem explicitamente um trabalho. São chamados a subjugar, e ter domínio, assim, governar a terra (KINDER, 1991, p.61).

Ou seja, somos convocados a representar Deus aqui no mundo, administrando o restante da criação. Somos parceiros de Deus ao nos darmos conta da participação na criação contínua de Deus através do nosso trabalho, seja ele físico ou mental, trabalhando em benefício da terra e do próximo, conforme os dons que Deus nos deu. Isto é, todo trabalho “é digno porque é algo que Deus faz e porque nós fazemos no lugar de Deus” (KELLER, 2014, p.49).

A economia atual tem nos oferecido novas formas de estigmatizar trabalhos como os de lavrador e babá – trabalhos que supostamente não exigem “conhecimento” e, por isso, são mal remunerados. Em Gênesis, vemos Deus como jardineiro e, no Novo Testamento, como carpinteiro. Nenhum trabalho é um jarro pequeno demais para conter a imensa dignidade do trabalho dado por Deus. Trabalho braçal é trabalho de Deus tanto quanto a formulação de uma verdade teológica. Pensemos no trabalho supostamente humilhante de fazer faxina na casa. Se não limpar a casa – ou não contratar alguém para fazê-lo –, você acabará ficando doente e morrerá por causa dos germes, vírus e infecções que irão proliferar por todos os cantos. Deus criou o mundo físico para ser desenvolvido, cultivado e cuidado de inúmeras maneiras por intermédio do trabalho humano. Até o mais simples desses cuidados, porém, é importante. Sem todos eles, a vida humana não floresce (KELLER, 2014, p.50).

Com isso em mente, percebemos que, através do nosso trabalho, exercemos algo fundamental para a vontade de Deus – continuar a sua obra. Isso é algo totalmente diferente da visão cultural que temos do trabalho. É claro que, sem sustento, não vivemos. Paulo diz que “quem não quer trabalhar que não coma” (2Ts 3.10), mas a visão do trabalho bíblico nos dá uma perspectiva mais aprofundada sobre a relevância da nossa carreira. “Quando entendemos nosso trabalho como a continuação do trabalho de Deus de governar o cosmo, nossa carreira ganha valor sacerdotal, como o meio pelo qual Deus continua a pôr ordem no caos” (CHO, 2022, p.29).

Por que Deus simplesmente não deu nome aos animais e pronto? Afinal, em Gênesis 1, Deus dá nome às coisas, chamando à luz “dia” e à escuridão “noite”: portanto, ele também era perfeitamente capaz de escolher nomes para os animais. Mas Deus nos convida a continuar seu trabalho de desenvolvimento da criação, a fim de expandir as habilidades humanas e a natureza física para construir uma civilização que o glorifique. Por intermédio de nosso trabalho, colocamos ordem no caos, criamos novos entes, utilizamos os padrões da criação e construímos a comunidade humana. Logo, seja unindo genes, realizando cirurgia no cérebro, limpando entulho ou pintando um quadro, nosso trabalho ajuda a desenvolver, manter ou reparar a estrutura do mundo. Dessa maneira, integramos nosso trabalho à obra de Deus (KELLER, 2014, p.50).

Conforme a teologia luterana, falamos que existem *dois reinos* (*espiritual e terreno*) e Deus governa estes dois reinos com seu poder. Em ambos os reinos, Deus é ativo e opera por meios. No reino espiritual, ele opera por meio da Palavra e dos sacramentos. No reino terreno, ele governa por meio das vocações.

Na oração do Pai Nosso, pedimos a Deus que nos dê o pão nosso de cada dia, que Ele faz. Ele o faz, não diretamente como com o maná para os israelitas, mas por meio do trabalho dos fazendeiros, motoristas de caminhão, padeiros, varejistas e muitos outros. De fato, Ele nos dá o pão nosso de cada dia através do funcionamento de todo o sistema econômico que acompanha empregadores e empregados, bancos e investidores, a infraestrutura dos transportes e os meios tecnológicos de produção. Cada parte é interdependente e necessária, se iremos comer. Cada parte desta cadeia alimentar econômica é uma vocação, através da qual Deus opera e distribui seus dons (VEITH, 2005, p.68-69).

É importante lembrar que vocação é um chamado, e só é um chamado quando alguém nos chama a realizá-lo, ou seja, não é por minha causa, mas por quem me chamou. Nosso chamado é por Deus, não é para o meu ego, mas, sim, um chamado a servir ao meu próximo. É exatamente isso que a Bíblia fala e ensina sobre o trabalho (KELLER, 2014, p.65). Quando percebemos esta visão de trabalho/chamado/vocação na qual eu sirvo o meu próximo e glorifico a Deus, mesmo que meu trabalho seja pequeno perante a sociedade, estarei fazendo a vontade de Deus. Por outro lado, se busco a minha exaltação, vejo o trabalho para servir a mim, tudo se tornará em abuso, passarei dos limites para inflar mais meu ego, terei mais estresse para aparecer perante a sociedade, e não honrarei Deus através do trabalho.

A ideia de Lutero quanto ao ofício constitui um elemento importante no seu farto conceito de criação, que é peculiarmente concreto e vital. Os pássaros a cantar, embora não saibam o que irão comer, são para nós um exemplo. Deus espalha seus dons, sementes, ervas e criaturas comestíveis. Nosso cuidado único deveria ser, então, o que devemos fazer com todo esse bem que Deus produziu de modo que ele possa beneficiar nosso próximo. Em lugar disso,

porém, nos preocupamos em como pegar o máximo possível para nós mesmos; e assim nos colocamos de modo contrário à generosa corrente da criação... Deus mesmo vai ordenhar as vacas através daquele cuja vocação é essa. Quem se engaja na humildade do seu trabalho realiza a obra de Deus, seja ele um jovem ou um rei. Dar a atenção devida ao ofício não é egoísmo. Devoção ao ofício é devoção ao amor porque é pelo próprio ordenamento de Deus que seja sempre a obra do ofício dedicada ao bem-estar do próximo. O cuidado pelo ofício de alguém é, no seu próprio quadro de referência na terra, participação no próprio cuidado de Deus pelos seres humanos. Assim, a vocação pertence a este mundo, não ao céu; ela se dirige ao próximo, não a Deus (WINGREN, 2006, p.24,26).

Além desta contribuição de Lutero sobre trabalho, sendo a nossa vocação, temos uma outra grande contribuição para entendermos a teologia do trabalho: a doutrina da justificação unicamente pela fé. Este dogma molda o pensamento cristão quanto ao trabalho.

Quando olhamos a doutrina da justificação, vemos que já somos aceitos por Deus pelo que ele fez por nós na cruz, não pelas nossas obras, mas pelo mérito de Jesus.³ Isso nos livra da ideia mundana de fazer obras para sermos aceitos por Deus, assim, também nos liberta do pensamento de que precisamos confirmar a nossa identidade por intermédio do trabalho, pois já somos aceitos e amados por Deus. O evangelho também nos liberta da atitude de menosprezar empregos menos sofisticados, ou com menor remuneração, pois tudo o que o cristão realiza pela fé, não importando o tamanho das obras, é aceito por Deus, e se torna um culto a um ato de obediência a Deus. Através do seu trabalho, você louva ao Criador e ama o próximo (KELLER, 2014, p.71).

3 Na Confissão de Augsburg, Artigo XX, está escrito: “é por isso que as obras sem fé não podem agradar a Deus, mas o coração precisa primeiro estar em paz com Deus e concluir que ele nos aceita, é gracioso para conosco e nos considera justos, não por causa do nosso mérito, mas por causa de Cristo, por misericórdia. Essa é a doutrina cristã correta relativamente às boas obras” (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2021, p.72).

OS LIMITES DO TRABALHO: O DESCANSO EM DEUS

Izabella Camargo é uma jornalista que investigou sobre *burnout* e realizou várias entrevistas para elaboração de seu livro. Em seu primeiro capítulo, apresenta uma perspectiva sobre o tempo moderno, em que as pessoas afirmam “não ter tempo... o tempo está passando rápido”. Nessa entrevista, ela comenta sobre a grande sobrecarga de conteúdos que recebemos na atualidade, seja pela televisão, seja pelo celular ou pelo trabalho. “Vivemos o desafio do excesso” (CAMARGO, 2020, p.18-19).

O problema está, continua ela, no fato de que “vivemos num novo mundo, mas nosso cérebro ainda opera, basicamente, da mesma forma há milhares de anos” (CAMARGO, 2020, p.23). Ou seja, o nosso corpo possui limites, o nosso corpo necessita de descanso.

Neste mundo frenético por conquista e por autossuficiência, os cristãos (e pastores também) acabam esquecendo a importância do mandamento do Senhor, principalmente do terceiro mandamento,⁴ colocando o trabalho e o sucesso como um ídolo. Essa é uma das mais perigosas ilusões para cada um de nós, confiar apenas na nossa soberania e no nosso trabalho, não confiando e não descansando no controle de Deus (TRIPP, 2016, p.251). Esta falsa percepção que o trabalho dá segurança, que o meu desempenho e o quanto eu trabalho são suficientes para a minha vida, são um sinal que o trabalho se tornou um ídolo na sua vida, esquecendo de confiar na soberania de Deus (KELLER, 2018, p.93)

Keller argumenta que se a pessoa não consegue obedecer ao mandamento de Deus para o descanso, ela se torna escrava de sua vontade ou da cultura materialista, esquecendo do cuidado que Deus desempenha na sua vida (KELLER, 2014, p.221). Todos nós sabemos que o descanso é fundamental para o nosso corpo. Alguns pensam que esse descanso serve apenas para mais uma semana de trabalho, entretanto, a Bíblia nos apresenta uma outra perspectiva deste descanso do trabalho.

Quando lemos o relato da criação, percebemos que Deus descansou antes da queda (Gn 2.1-3). Porém, o descanso de Deus não é meramente passivo, só porque não havia mais nada a ser feito, mas é descanso ativo,

4 Cf. Catecismo Menor: “Você deve santificar o dia do descanso” (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2021, p.387)

ele continua cuidado da sua criação (CHO, 2022, p.135). Os *workaholics*, escravos da sociedade trabalhista, esquecem deste cuidado de Deus, confiando apenas em suas obras.

Ou seja, tão importante quanto não adorar uma imagem, não desonrar os pais, não assassinar ou não trair o cônjuge é santificar o dia do descanso! O termo hebraico *shabbat*, traduzido por “sábado”, aliás, vem do verbo *shavat*, utilizado em Gênesis 2.3 para falar do descanso de Deus no sétimo dia da criação. Já que o descanso de Deus em Gênesis 2.3 afirma que Deus criou céus e terra para fazer de céus e terra seu espaço sagrado de habitação e seu lugar de governo, ser povo de Deus significa apontar para essa realidade e viver à luz dela (CHO, 2022, p.140).

Por isso que, conforme Keller, o dia sabático é uma declaração de nossa liberdade. Eu não sou escravo da visão trabalhista da sociedade, escravo de meus sonhos, mas posso confiar no cuidado do Pai amoroso. Além disso, o sábado é um ato de confiança em Deus, não sou eu quem deixa o mundo girando, não sou eu que faço o sol nascer, também, não sou eu que sustento minha família, nem tão pouco, realizo os meus sonhos (Mt 6.25-34), mas é Deus (KELLER, 2014, p.221).

Martinho Lutero, em 1529, no seu Catecismo Maior, já disse que o ser humano precisa de descanso, não como os judeus no Antigo Testamento, pois as ordens antigas já foram cumpridas em Cristo, mas que o corpo precisa de repouso. Além disso, ele comenta que honramos o dia do descanso ouvindo e aprendo a palavra de Deus (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2021, p.427). Isso nos mostra a confiança no trabalho que Deus desempenha mesmo quando dormimos (Sl 121; Sl 3.5; Sl 127.1-2; Is 40.28-29; Dt 33.12; Sl 4.8).

Josef Pieper, filósofo católico alemão do século 20, escreveu um ensaio famoso intitulado “Leisure, the basis of culture” [Lazer, o alicerce da cultura]. Pieper afirma que lazer não é mera ausência de trabalho, porém um estado da mente ou alma em que conseguimos contemplar e aproveitar as coisas exatamente como são, sem levar em conta seu valor ou utilidade imediata. A mente obcecada pelo trabalho tende a analisar as coisas em termos de eficiência, valor e rapidez. Contudo, também é necessário saber aproveitar os aspectos simples e comuns da vida, até mesmo os que não

são estritamente úteis, mas apenas prazerosos, isto é, descansar no que Deus já realizou por nós em Cristo Jesus.

Lazer é considerarmos as coisas em espírito de celebração [...] O lazer vive do reconhecimento. Lazer não é o mesmo que ausência de atividade [...] É muito mais parecido com o silêncio na conversa dos apaixonados [...] E, como está escrito na Bíblia, quando “descansou de toda a obra que havia criado e feito”, Deus viu que tudo era bom, muito bom (Gn 1.31), a fim de que o lazer do ser humano tenha em sua essência o contemplar comemorativo, aprovador, prolongado dos olhos interiores sobre a realidade da criação (PIEPER, 2020, p.43).

Assim como o sábio escreveu em Eclesiastes, “tudo tem o seu tempo determinado”, temos o tempo para o trabalho, mas também o tempo para o descanso, pois “que proveito tem o trabalhador naquilo com que se afadiga?” (Ec 3.1,9).

O nosso trabalho, assim como o nosso descanso, está corrompido pelo pecado. Os “espinhos” e as “ervas daninhas” nos acompanham. Precisamos aprender a descansar no cuidado de Deus. Tal atitude aponta para o fato de que existimos em Deus e que este Deus está no controle de tudo. O nosso trabalho é para honra e glória desse Deus, mas, principalmente, devemos aguardar o “descanso escatológico” que Deus tem preparado para todos que estão na fé em Cristo Jesus.

A ressurreição de Cristo é vitória de Deus. O sepulcro vazio é culminação do trabalho do Criador, e que o descanso verdadeiro temos nele, e que jamais o nosso trabalho será em vão (1Co 15.58; Hb 4.1-13; Jo 5.16-30).

Descansar é uma realidade da humanidade, inclusive dos cristãos e pastores. Precisamos recobrar nossas energias, mas sem esquecer do Descanso com “D” maiúsculo, aquele conquistado por Cristo. Isso nos leva a entender que, assim como há uma pluralidade de dons e de aptidões que Deus deu a cada um de nós para a realização do nosso trabalho, há também maneiras de praticar o nosso descanso (seja pescaria, passeio ou praia); no entanto, qualquer que seja o descanso, ele só faz sentido, assim como o nosso trabalho, quando está conectado à esperança que temos do Descanso final em Cristo Jesus.

CONSIDERAÇÕES

À luz do que encontramos na Escritura Sagrada com o relato da criação, aprendemos, primeiramente, que trabalhar faz parte do ser humano. Desde o princípio trabalhamos para a continuidade da criação de Deus, e, ainda hoje, trabalhamos com nossas vocações para servir ao próximo e dar continuidade a essa criação. Através do meu trabalho, por mais simples que seja, louvo ao nosso Deus.

O trabalho é essencial para a nossa natureza, sem ele não estamos completos. Porém, com a nossa natureza corrompida, devemos tomar cuidado com os “espinhos” que este trabalho oferece, e cuidado para não pensar que tudo depende do próprio esforço; precisamos lembrar que o corpo precisa de um descanso, mas, principalmente, que o descanso é a confiança no cuidado do nosso Pai Celestial. Nosso descanso/lazer pode ser de várias formas, porém é essencial olhar para Cristo, já que somente nele tudo estará perfeito perante o Pai, nele teremos o verdadeiro Descanso no céu, pois pela fé Deus já se agradou de todo o nosso trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHO, Bernardo. *Trabalho, propósito e Descanso: a visão bíblica de shalom e o chamado do cristão hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.
- IZABELLA, Camargo. *Dá um tempo! como encontrar limite em um mundo sem limites*. Rio de Janeiro: Principium, 2020.
- KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho: nossa profissão a serviço do reino de Deus*; Trad. Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- _____. *Deuses falsos: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa*. Trad. Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- KINDER, Derek. *Gênesis: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1981.
- KOLB, Robert. Luther's concept of vocation in the Augsburg Confession and its Apology, p.4-11. *Concordia Journal*, v.8, n.1, January, 1982.
- LIVRO DE CONCÓRDIA. *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. Comissão Interluterana de Literatura (Orgs). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

PIEPER, Josef. *Ócio e contemplação*. Trad. Alfredo J. Keller. Campinas: Kirion, 2020.

RO, Christine. *Como trabalhar demais está nos matando* (literalmente). Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-57411021>>, 2021. Acesso em: 4 abr.2024.

TRIPP, Paul David. *Perdido no meio: a crise da meia idade*. Trad. João Paulo Tomas de Aquino. São José dos Campos: Fiel, 2016.

WINGREN, Gustav. *A vocação segundo Lutero*. Trad. Martinho Lutero Hoffmann. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

VEITH, Gene Edward Jr. *Espiritualidade Da Cruz: A vida cristã sob a cruz de Cristo*. Trad. Paulo Samuel Albrecht. Porto Alegre: Concórdia, 2014.